

PORTUGAL: BOAS PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA

Na presente edição, desta nossa newsletter, atribuímos uma ênfase particular à divulgação de uma selecção de bons exemplos do modo como os Governos Regional dos Açores e da Madeira, alguns dos Municípios e Redes Regionais de Empreendedorismo das Comunidades InterMunicipais e Comunidade Empresarial estão a ajudar a promover o espírito empreendedor junto dos jovens das suas comunidades, contribuindo assim para criar uma cultura mais empreendedora na Sociedade Portuguesa.

Apesar de ainda estarmos a lutar contra a narrativa dominante, de que não se justifica a introdução de programas de Empreendedorismo no currículo escolar, vai tornando-se evidente, a cada dia que passa, o reconhecimento de que o espírito empreendedor é uma competência de base que deve ser adquirida através de uma aprendizagem ao longo da vida, materializando-se assim uma visão que muitos especialistas internacionais – destacando-se os envolvidos nas iniciativas promovidas pela Comissão Europeia e pelos respectivos Estados-Membros- foram tendo ao longo dos últimos anos conforme poderá ser recordado pela adopção, em Janeiro de 2003, do **Livro Verde “Espírito Empresarial na Europa”** ou do **“Report of the Expert Group “ Education for Entrepreneurship”** apresentado em Fevereiro de 2004.

Naturalmente que a apresentação dos exemplos, constantes da presente NL, podem pecar por ser considerados apenas como uma excepção que confirma a regra, mas tal não evita que deva assumir a minha responsabilidade em dar a conhecer e partilhar com os outros o meu conhecimento sobre o que de fantástico tem vindo a ser feito na área da Educação Empreendedora no nosso País esperando, com isso, que os responsáveis pela educação dos nossos jovens, Professores, Directores de Escolas e Agrupamentos de Escolas, assim como os Pais e Encarregados de Educação, possam ter informação adicional que lhes permita uma reflexão fundamentada, em torno da importância que a Educação em Empreendedorismo tem no futuro dos seus filhos, em alternativa a opiniões avulsas, normalmente associadas a juízos de valor com forte componente política e ideológica, com que pontualmente vamos sendo confrontados na comunicação social.

Não obstante, tal não significa ainda que o espírito empreendedor se tenha transformado numa matéria característica ou amplamente estudada dos nossos sistemas de ensino, nem que a formação de docentes sobre a abordagem do conceito de espírito empreendedor nas salas de aula esteja já suficientemente desenvolvida, propondo apenas com a revelação dos citados exemplos dar a conhecer boas práticas para fomentar atitudes e competências empreendedoras na juventude através da educação, desde o primeiro Ciclo até ao Secundário.

De facto não é preciso ser um especialista em educação, ter uma bola de cristal ou alguns dons de profeta para compreendermos que a educação em empreendedorismo desempenhará um papel muito importante no futuro dos nossos Jovens, quando em idade adulta tiverem de ingressar no mercado de trabalho, pelo que tudo deve e tudo tenho feito para que cada vez mais jovens – e não só aqueles que têm, felizmente, o privilégio de terem nascido em Municípios cujos responsáveis manifestam um total alinhamento com as citadas boas práticas-estudantes e respectivos Professores possam beneficiar dos citados Programas.

Sei por experiência própria que os jovens estudantes raramente são atraídos pela eloquência dos nossos discursos ou pela beleza das nossas palavras mas em alternativa revelam, no entanto, um interesse absolutamente incrível pelos conteúdos e pelas actividades [em regime de “learning by doing”] baseadas no modelo com que são desafiados confirmando qualidades

nomeadamente, apetência pela acção, construção concreta, domínio dos acontecimentos e dos problemas, que quando devidamente orientadas permitem a obtenção de resultados que acabam por se tornar bem visíveis no comportamento que evidenciam quer em sala de aula quer no espaço escola, ou fora dela.

Perante estes resultados o fomento do espírito empreendedor torna-se assim essencial para incentivar os nossos jovens a assumirem uma atitude positiva perante os problemas com que diariamente se debatem - ao nível familiar, dos valores, da não capacidade de prever o seu futuro e de verem o resultado da sua acção - uma vez que lhes permite obter as bases que os ajudam a construir a sua identidade ao mesmo tempo que reforçam os seus índices de segurança e de estabilidade perante o ambiente exterior que os rodeia e que diariamente não deixa de ser aproveitado/dramatizado pelos *media*.

Nesse sentido importa ter presente que as atitudes e competências empreendedoras adquiridas e interiorizadas pelos nossos jovens trazem benefícios à sociedade que transcendem a sua aplicação à actividade empresarial. De facto, as qualidades pessoais relevantes para construção de um espírito empreendedor, como a criatividade, o espírito de iniciativa, a capacidade de decisão e o bom senso, que são potenciadas no desenvolvimento dos citados Programas de Empreendedorismo, podem ser úteis a toda a gente, quer no exercício de uma actividade profissional/empresarial quer na sua vida quotidiana.

Encorajar o espírito empreendedor constitui assim uma chave para a criação de emprego e para aumentar a competitividade e o crescimento económico no nosso País ainda para mais quando neste momento a multiplicidade de factores que influenciam positivamente a iniciativa empresarial como sejam, por exemplo, as infra-estruturas de suporte ao empreendedorismo e à inovação - incubadoras, aceleradoras, parques tecnológicos- e o financiamento via business angels ou venture capital, se encontram presentes ao longo do território nacional em níveis bastante elevados quer na qualidade dessas infra-estruturas quer nos montantes de capital disponíveis.

O desenvolvimento de atitudes e competências empreendedoras pode e deve, assim, ser estimulado na juventude, começando a partir dos bancos da escola, pois só assim os nossos jovens podem aproveitar as oportunidades que o mundo lhes apresenta, numa dimensão muito maior do que o passado permitia, uma vez que estamos perante um conjunto de revoluções que fazem com que o poder esteja mais fragmentado logo abrindo a possibilidade de micro poderes ou seja de novos entrantes como felizmente muitas startups têm e continuam diariamente a demonstrar.

Termino esperando que os exemplos de boas práticas, que seleccionei no âmbito desta NL, sejam do interesse de todos os que estão envolvidos no ensino e na promoção do espírito empreendedor, em especial dos decisores políticos, dos docentes, das escolas e universidades, dos responsáveis das associações empresariais e naturalmente dos Pais e Encarregados de Educação pois somente trabalhando estas temáticas em conjunto, obteremos maior capacidade de incentivar o desenvolvimento das atitudes e competências empreendedoras na nossa sociedade contribuindo assim — mesmo que sem grandes resultados a curto prazo- para a criação de emprego e para melhorar o crescimento económico e a competitividade do nosso País.

Francisco Banha
CEO do Grupo Gesbanha
Lisboa, 17 de Junho de 2015